



Fotografia como Documento e Memória¹

Élmano Ricarte de Azevêdo SOUZA²

Itamar de Moraes NOBRE³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

RESUMO

Aborda-se a imagem fotográfica como instrumento de documentação de acontecimentos sociais em que o homem esteja inserido. Analisa-se e discute-se como a fotografia inserida em um acervo pode desempenhar um papel de memória, divulgação e documentação iconográficas. O contexto da pesquisa está centrado no acervo da memória iconográfica da extensão universitária realizada pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), por meio do Programa Trilhas Potiguaras entre os anos de 1996 e 2011. O trabalho foi desenvolvido a partir da observação participante, da vivência e da reorganização de parte do acervo iconográfico do Programa.

PALAVRAS-CHAVE: fotografia; memória; documento; comunicação.

A RECONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA ICONOGRÁFICA DO PTP

A Pró-Reitoria de Extensão - PROEX, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, desenvolve, durante os meses de férias acadêmicas, em municípios do estado do Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil), o Programa de Extensão Universitária chamado Programa Trilhas Potiguaras ó PTP. O Programa foi criado no final de 1995, e posto em prática em 1996. Desde a sua criação, o principal objetivo do PTP é descrito como

Propor novas formas de aplicação do conhecimento gerado na universidade, a partir do contato com as demandas da comunidade externa, buscando à construção solidária do saber, voltada para o

¹ Trabalho apresentado no DT 4 ó Comunicação Audiovisual do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Recém-formado (2011-2012) em Comunicação Social ó habilitação em Jornalismo pela UFRN e mestrando na linha de Pesquisa de Produção de Sentido do Programa de Pós-graduação de Estudos da Mídia da UFRN, e-mail: ricarteazevedo@gmail.com.

³ Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM), da UFRN. Jornalista. Fotojornalista. Especialista em Antropologia. Mestre e Doutor em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN. Pesquisador do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia: teorias, linguagens, indústria cultural e cidadania. Integrante do Grupo de Estudos BOA-VENTURA - CCHLA/UFRN, em convênio com a Universidade de Coimbra-Portugal. Membro do Núcleo de Pesquisa: Fotografia, da INTERCOM ó Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Membro da REDE FOLKCOM ó Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação, e-mail: itanobre@gmail.com.



desenvolvimento sustentável das comunidades. As ações do programa estão objetivamente voltadas à melhoria da qualidade de vida da população potiguar, priorizando o respeito à cultura e às tradições locais, estabelecendo uma sintonia fina entre o saber acadêmico e o saber popular. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2005).

Durante uma semana, cerca de 20 alunos de vários cursos da UFRN realizam subprojetos como minicursos, palestras, atividades de lazer e cultura, abordando temas dentro da Comunicação, da Saúde, da Tecnologia, e de outras temáticas livres dentro da proposta do PTP e dos eixos da extensão universitária, contando com participação dos moradores de todas as faixas etárias do município visitado. Os universitários são supervisionados por um professor da UFRN, que os orienta e os coordena desde o planejamento até a ação prática dos subprojetos a serem idealizados.



Foto 01: A realidade e as carências do interior do estado ganham novo olhar com o COMTRILHAS.
Autora: Daliane Menezes/ COMTRILHAS 2010 ó Município de Afonso Bezerra/ RN.

Por meio do PTP, pode surgir um conhecimento conjunto, em que as teorias de cursos universitários, podem unir-se, durante as atividades realizadas no município, à sabedoria popular. E este pensamento converge com Santos (2004b, p. 88), ao afirmar que:

A ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo. É certo que o conhecimento do senso comum tende a ser um conhecimento mistificado e mistificador, mas, apesar disso e apesar de ser conservador, tem uma dimensão utópica e libertadora que pode ser ampliada através do diálogo com o conhecimento científico.

Sob esta óptica, pode haver a criação de um diálogo dos universitários com a comunidade, que passa a descobrir o conhecimento acadêmico, como propõe a ecologia dos saberes por Santos (2004a, p. 56).

A ecologia de saberes é, por assim dizer, uma forma de extensão ao contrário, de fora da universidade para dentro da universidade. Consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental, etc.) que circulam na sociedade.

Com o intuito de resgatar e divulgar a memória do PTP, foi reconstruída parte do Acervo Iconográfico do PTP, cujo objetivo era a tentativa do resgate das imagens e das memórias contidas nelas. Com este trabalho, busca-se evitar que haja um desperdício da experiência vivida no PTP, além de promover uma análise da importância do registro iconográfico. Assim, em 2009, remonta-se parte do Acervo Iconográfico do Programa Trilhas Potiguares.



Foto 02: O cuidado com a saúde dos idosos é uma das atividades registradas pelas lentes do COMTRILHAS.

Autora: Sarah Wollermann/ COMTRILHAS 2011 ó Município de Ipangaçu/ RN.

Entretanto, identificou-se que um trabalho semelhante de construção havia sido realizado anteriormente (AZEVEDO *at al*, 2010). A pesquisa constava de um acervo fotográfico produzido com as imagens captadas no PTP entre os anos de 1996 a 2003. Para organização e pesquisa, foram três etapas, com divisão e planejamento divididos em



A primeira etapa - negativo e index: Selecionar e identificar e fazer o processo técnico de todos os negativos, selecionando por ano, identificando a cidade e catalogando os dados importantes; Mandar os negativos já identificados para a revelação do index; Começar a selecionar todos os index e seus respectivos negativos para a organização de uma pasta onde foi organizada por ordem alfabética e cronológica de ano, cidade e mês.

A segunda etapa - a fotografia: Selecionar por ano, cidade e mês; Identificá-las caso seja necessário com a ajuda da coordenadora, pois quase todas têm a identificação colocada pelo autor que é o fotógrafo; Verificar se está em perfeita condição para se caso não esteja mandar fazer cópia se for o caso; Colocar todas as fotografias que estão fora do contexto em que e encontravam-se soltas por algum motivo, em seus respectivos álbuns para facilitar na hora a comparação do index ou negativo com a organização dos álbuns.

A terceira etapa - o álbum: Selecionar e identificá-los por ano (etiqueta de dorso); Colocar as fotografias em ordem crescente com a seqüência que consta no negativo (foto 1 a 36ª) e logo após essa organização os álbuns recebem uma numeração seqüencial crescente e as suas folhas também; Passar para a parte da digitalização. (AZEVEDO *at al*, 2010, p.9-10)

Em primeiro contato com o material do acervo pré-existente, em 2008, observou-se uma possível fragmentação. Parte das fotografias contidas no acervo estava retirada de seu lugar segundo a ordem cronológica estabelecida pela pesquisa anterior. Havia ainda pastas de *index*⁴ e negativos e cartazes de mostras fotográficas sem organização, empilhados aleatoriamente. Essas circunstâncias encontradas e outros apontamentos foram resultado da observação feita por Azevêdo *at al* (2010, p. 8-9), que destacam que

Na estrutura organizacional da Pró-Reitoria de Extensão, não existe um setor ou departamento exclusivo de Arquivo para essas fotografias, como por exemplo, a presença de um profissional responsável pela reunião, seleção, arranjo, descrição, preservação e reprodução destas fotografias. Já em decorrência da ausência deste departamento, as fotografias produzidas pelos respectivos fotógrafos, recebem a destinação eleita pela pessoa coordenadora deste programa. O tempo de guarda, o local de armazenamento, o arranjo, todas estas etapas são empíricas e tomadas como atitudes ao acaso.

Por isso, em 2008, foi requerida a transferência do acervo da sala do Programa Trilhas Potiguares no edifício da reitoria da UFRN, Campus Natal, para a sala do

⁴ Catálogo com fotos em miniaturas reveladas do negativo.



laboratório de fotografia, no Laboratório de Comunicação ó LABCOM, no mesmo campus, onde houve a tentativa de reconstruir e preservar o acervo que ainda permanecia. Do acervo de 2003 (AZEVEDO *at al*, 2010), resgataram-se mais de 6600 fotografias analógicas em 22 álbuns com capacidade para 300 fotos cada um, além das suas respectivas pastas de negativo e de *index*. As imagens foram, então, mais uma vez catalogadas por ano, cidade, mês e autor.



Foto 03: Trabalhadores rurais são instruídos por universitários a como prevenir acidentes.
Autora: Katiane Lima/ COMTRILHAS 2011 ó Município de São Tomé.

Para reorganização de parte do acervo, adotou-se mais uma forma de armazenamento: o meio digital. Foi utilizada uma máquina de escâner para digitalizar as fotos analógicas. A partir deste trabalho, construiu-se um acervo também no meio digital⁵.

Aos anos seguintes de 2003 até 2008, como ponto de partida, para obter novas fotografias, foram enviadas mensagens via Internet no período de trinta dias, com intervalo de uma semana, durante o mês de dezembro de 2008, nas férias do ano letivo de 2008.2, para todos os endereços eletrônicos de participantes do PTP nos anos de 2004 a 2008. Para isso, foi utilizado, com permissão prévia da PROEX-UFRN, a conta de e-mail institucional do Programa Trilhas Potiguares⁶. Das fotografias coletadas, foram enviadas com destinatário à sala do PTP e doadas ao acervo pelos participantes 9.239 fotografias digitais armazenadas em mídias de CD-ROM e DVD-ROM.

Por fim, as fotografias produzidas nos anos de 2009 a 2011 são atribuídas ao Projeto de Extensão Comunicação Social no Programa Trilhas Potiguares ó Projeto

⁵ Disponível no site do Projeto Agência FOTEC ó Fotojornalismo Experimental no endereço <http://www.fotec.ufrn.br>.

⁶ trilhaspotiguares@reitoria.ufrn.br.

COMTRILHAS⁷, como fonte de novos retratos para o Acervo Iconográfico do PTP e ainda como forma de divulgação de parte do conteúdo produzido pelo Projeto COMTRILHAS por meio do site do portal da Agência FOTEC.



Foto 04: Temas como sexualidade são discutidos em oficinas com adolescentes.
Autor: Everson Andrade/ COMTRILHAS 2011 ó Município de Brejinho/ RN

A partir dessa pesquisa e das participações no PTP, ao todo, 60.508 fotografias analógicas e digitais foram realizadas no PTP em vários anos como é possível constar no gráfico a seguir:

Período	Nº de Fotos
1996-2003	6600
2004-2008	9239
2009-2011	44669
TOTAL	60508

Tabela 01: Estatísticas de total de fotografias realizadas no PTP em períodos.
Autor: Élmano Ricarte/ 2011.

Outro ponto a se observar é o possível crescimento no acesso e na divulgação das atividades do Programa Trilhas Potiguaras realizadas no interior do Estado do Rio Grande do Norte (Nordeste do Brasil) por meio do Projeto COMTRILHAS, cujos dados

⁷ O PROJETO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL NO PROGRAMA TRILHAS POTIGUARES consiste em desenvolver um documentário fotográfico (fotodocumentário) do PROGRAMA TRILHAS POTIGUARES (...). Para cada município será designado um (a) aluno (a) responsável exclusivamente pela documentação fotográfica de todas as atividades, além dos aspectos socioculturais das comunidades (...), será designado um aluno (a) que acompanhará diariamente todas as atividades para no final do dia (ou antes) escrever uma matéria e posteriormente postar no site da FOTEC (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, 2009, p.2-3). O COMTRILHAS foi criado sob a coordenação do professor doutor Itamar de Moraes Nobre, membro do Grupo de Pesquisa PRAGMA - Pragmática da Comunicação e da Mídia, do Departamento de Comunicação Social da UFRN. O COMTRILHAS é um projeto de extensão inscrito no PTP da PROEX-UFRN. A primeira versão do COMTRILHAS foi executada nas férias acadêmicas de julho e agosto de 2009.



estatísticos de visitação ao Portal FOTEC na edição de 2011 do PTP foram averiguados como:

ÍNDICE QUANTITATIVO DE VISITAS (de 11/07/2011 a 05/08/2011)	
Total de visualizações de página	18.957
Países que visitaram o site	18 países (os 09 mais: Brasil, EUA, Portugal, Itália, Noruega, Espanha, Canadá, Reino Unida, Moçambique).
Cidades brasileiras que visitaram o site	204 cidades (as 10 mais: Natal, Patos, Sousa, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Mossoró, Recife, Salvador e João Pessoa)

Tabela 02: Estatísticas de visitação ao Portal Agência FOTEC entre 11 de julho e 05 de agosto de 2011.
Fonte: Relatório Projeto COMTRILHAS⁸.

Além da divulgação por meio do portal do Projeto da Agência FOTEC, nos anos de 2009 a 2011, foram realizadas exposições fotográficas no LABCOM-UFRN com as imagens produzidas pelo Projeto COMTRILHAS. Dessa forma, o acervo pode ser visto por vários estudantes universitários de forma presencial sem a necessidade de acesso ao Portal da Agência FOTEC.



Foto 05: As atividades lúdicas realizadas pelo PTP tornam-se alternativas no aprendizados de crianças e adolescentes das comunidades visitadas.

Autora: Anna Paula Andrade/ COMTRILHAS 2009 ó Município de Olho D'Água dos Borges/ RN

⁸ Acesso restrito ao coordenador do projeto COMTRILHAS e a PROEX-UFRN. Com consulta autorizada pelo coordenador do projeto.



HOMEM, DOCUMENTO E MEMÓRIA ICONOGRÁFICA

A passagem do homem pela vida pode deixar marcas no mundo diante das ações que experimentadas. Sendo assim, o nascimento pode trazer alegria, a adolescência e juventude chegam com o provável encontro de um primeiro amor, e a terceira idade pode remeter à saudade, devido à morte ou à distância de amigos e familiares que não fazem mais parte de um cotidiano. Esses são elementos de história pessoal e coletiva com o universo que podem cercar o homem.

Nessa experiência de vida, que é a relação humana, o ato de registrar essas marcas é realizado em documentos nos mais diversos gêneros linguísticos criados pelo homem para sua possível comunicação com seus contemporâneos e ainda com os seus sucessores. Por exemplo, a certidão de nascimento, guarda a hora, data, local e as características físicas corporais do indivíduo. Desde o início da vida, tudo é homologado em cartórios para que os novos indivíduos da sociedade entrem para as estatísticas.

Por um lado mais emocional dos processos documentais na vida humana, as mensagens de amor trocadas na adolescência podem ser sentimentos, cujo imortalizar faz-se em letras de afeto platônico ou recíproco. E, ao entardecer da vida, todos esses registros pessoais e coletivos são como uma tentativa de conhecer quem foram os indivíduos a quem eles se referem e qual o seu significado para esta sociedade. Isso é o que se pode chamar de memória, um legado para quando o homem não mais existe de forma material para seus pares. Logo, aqui, trata-se de memória como

Capacidade que o ser humano tem de guardar na cabeça as experiências e os conhecimentos que adquiriu. Ato de se lembrar: lembrança, recordação. Lugar onde um computador guarda as informações com que está trabalhando (SANTOS, 2001, p. 403).

Entretanto, esse pensamento apresenta apenas uma forma denotativa do que venha a ser memória em seu conceito. Quando há a documentação dessas recordações, experiências e conhecimentos adquiridos, encontra-se um conceito em que memória pode ter sua função compreendida, conforme Le Goff (2003, p. 419). Ou seja, como instrumento de comunicação, como documento,



como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças as quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

Com esses pensamentos, pode-se entender que as memórias presentes nos documentos preservam uma face de quem o homem é ou do que foi e o que ele pode ter feito no passado que venha a ser útil para os outros no futuro.

Estes documentos, por sua vez, podem ser armazenados em arquivos, cuja definição denotativa é tida como sendo um lugar em que se guardam documentos de maneira que possam ser encontrados com facilidade. Conjunto de documentos guardados (SANTOS, 2001, p.56). No entanto, ele pode não ser apenas um conjunto de documentos ou um lugar com o objetivo de armazená-los. A ação de conservar documentos em coleções pode também ser considerada como um ato de arquivar.

Nesse sentido, podemos notar que o arquivo torna-se uma possibilidade de guardião da história de uma pessoa, instituição pública ou privada. E significado semelhante também pode possuir o acervo, cuja descrição é um conjunto de coisas do mesmo tipo de uma pessoa ou de uma instituição (SANTOS, 2001, p.16). Logo, o termo acervo encaixa-se com mais aproximação das descrições apresentadas nessa pesquisa, uma vez que se trata de um único elemento como foco de campo empírico: as fotografias realizadas no Programa Trilhas Potiguares.

Diante desse contexto, há é preciso definir o conceito atribuído a acervo iconográfico como conjunto de imagens e fotografias que registram as diversidades e mudanças nos modos de representação da figura humana, da natureza e das cidades (BRASIL). E seu uso pode ter várias funções na manutenção da memória como relata Oliveira (2008, p. 14)

Um dos instrumentos importantes para a preservação da memória é o seu registro iconográfico, quer pelos métodos milenares, quer pelos processos e instrumentos mais recentes que a ciência e a técnica do nosso tempo nos trouxeram. Nesse caso, desaparecido o objeto que testemunha o nosso passado, a sua imagem pode substituir, embora parcialmente, a necessidade imanente à natureza humana de manter contato com o que se foi. Daí uma das várias utilidades das representações cadastrais como forma de preservação da memória.

Sendo assim, há uma tentativa de eternizar aquilo que se foi, ou seja, de fazer com que o passado seja presente. Essa possibilidade é apresentada com a imagem, pois

ãa fotografia nega-se enquanto suposição de retrato morto da coisa viva, porque é, sobretudo, retrato vivo da coisa morta.ö (MARTINS, 2008, p.28).

Um acervo iconográfico pode trazer em si as memórias individuais e coletivas, por meio das imagens, como uma representação de quem ou do que é retratado. Todavia é importante destacar que não se pode confundir a imagem como sendo um elemento que venha substituir aquilo que aparece impresso, por exemplo, na fotografia. Uma vez que, de acordo com Barthes (1980, p.109), a imagem fotográfica é descrita como um ãreferente fotográficoö.

Chamo ãreferente fotográfico não à coisa *facultativamente* real para que remete uma imagem ou um signo, mas a coisa *necessariamente* real que foi colocada diante da objetiva sem a qual não haveria fotografia. A pintura, essa pode simular a realidade sem a ter visto. O discurso combina signos que têm, certamente, referentes, mas esses referentes podem ser (e, na maior parte das vezes são) ãquimerasö. Ao contrário dessas imitações, na fotografia não posso nunca negar que a *coisa esteve lá*.

Por essa razão, não é possível pensar que a memória iconográfica do Programa Trilhas Potiguares é de fato aqueles seres ali fotografados em seus episódios isolados e fixos, mas suas representações visuais que podem ser provas documentais de que lá estiveram e o que podem ter feito nas comunidades visitadas. Ao mesmo tempo, não se pode esquecer que, em cada uma daquelas imagens, foram deixadas partes das histórias e memórias dos participantes do Programa Trilhas Potiguares como também da UFRN enquanto instituição.

A fotografia quando utilizada como documento, registro de uma memória, pode ser classificada, segundo Peirce (1995), como sin-signo daquilo que representa, uma vez que é também signo enquanto aspecto indicial como também observa Santaella (2008, p.127):

Desse modo, se o signo é em si mesmo um sin-signo, na relação com o objeto ele será um índice, que é um signo que se refere ao objeto que denota em virtude de ser realmente afetado por esse objeto, do qual o índice é uma parte. No índice, a relação entre signo e objeto é direta, visto que se trata de uma relação entre existentes, singulares, factivos, isto é conectados por uma ligação de fato.



Entretanto, esta relação de registro dos acontecimentos humanos nem sempre foi pautada pelo uso da imagem como representante de um acontecimento a ser registrado, ou seja, que se torna memória coletiva ou individual. Flusser ([19__?]) explica que apesar de, no início da História da humanidade, a imagem, ao implicar significado ao mundo, ocupou um lugar místico na cultura humana e que o texto surge como uma forma de explicar superfícies, imagens, ou seja, ordenar os signos em linhas.

O texto é como que um dos fios dos quais é composta a imagem, um fio esticado e desenrolado, como se a linha do texto fosse um dos fios de lã dos quais se compõe o *pull-over* da imagem. O texto desenvolve a imagem ao reordenar os símbolos da imagem em linha. Ele torna explícita uma das ordens implícitas na imagem. O texto ãexplicaõ o que a imagem ãimplicaõ. (...) Este é o propósito da invenção de escrita: é código que explica imagens. (FLUSSER, [19__?], p.6)

Porém o texto, enquanto representação linear, acabou, segundo Flusser ([19__?]), distanciando-se da imagem, causando um tipo de analfabetismo característico pela incapacidade de ler e compreender imagens. Além disso, há uma limitação quanto à representação da realidade pelo texto.

A limitação é importante: nem tudo o que se pode dizer pode também ser escrito, nem tudo o que se pode escrever pode está preparado para ser impresso. Dentro do grupo de registros, começa a estabelecer-se a diferenciação que se dá na distinção dos simbolismos. (PROSS, 1990, p. 164, tradução nossa).

Surge uma crise de credibilidade dos textos apontada por Flusser ([19__?], p. 9), isto é, não mais os textos passam a ser ãmediação entre o homem e a imagemõ.

Em vez do texto funcionar em função do homem, este passa a ser fiel ao texto. Em vez dos textos interpretarem imagens para o homem, este passa a interpretar textos. E isto implica que as mensagens dos textos passam a ser inimagináveis, isto é existencialmente insignificante.

Com isso, nasce a ãtecnóimagemõ com a função ãde tornar novamente imaginável o mundo concreto encoberto pela opacidade inimaginável do mundo conceitual dos textosõ (FLUSSER, [19__?], p. 16). Dessa maneira, acredita-se que as imagens podem ser também formas de igual importância de documentar a realidade



vivida pelo homem ao longo da História da humanidade como detalha Flusser ([19__?], p. 7):

A história no sentido escrito do termo começa com os primeiros textos lineares (em torno do começo do segundo milênio a.c.), não pela razão superficial que aprendemos na escola secundária, segundo a qual os textos documentam os atos humanos, e portanto permitem que sejam memorados. Imagens documentam tão bem quanto textos, e os atos do caçador em Lascaux são tão memorados quanto são os atos dos heróis da época do bronze.

Ainda, de acordo com Flusser (2008), a documentação como registro a partir da imagem precisa andar lado a lado com a realizada com o texto. Não pode haver uma hierarquia do texto sobre a imagem, não pode haver uma dissociação entre a imagem e texto para o registro do acontecimento e da realidade humana. Apesar dessa decorrência, ao longo da História, a imagem e o texto devem estar juntas na documentação das relações do homem com o mundo ao seu redor, como elementos que se complementam e representam. Uma vez que

Dezenas de milênios se passaram até que tivéssemos aprendido a tornar transparentes as imagens, a explicá-las, a arrancar com os dedos os elementos da superfície das imagens e a alinhá-los a fim de contá-los; até que tivéssemos aprendido a rasgar o tecido do contexto imaginado e a enfiar os elementos sobre as linhas, a tornar as cenas contáveis (nos dois sentidos do termo), a desenrolar e desenvolver as cenas em processos, vale dizer, escrever textos e a conceber o imaginado. (FLUSSER, 2008, p.14-15)

Nessa referência de conceber o imaginado (FLUSSER, 2008) enquanto ato de escrever texto, há a relação entre a imagem e o texto utilizados para registrar enquanto signos de um acontecimento (PEIRCE, 1995). Com isso, o homem busca manter suas recordações e experiências marcadas pela representação dos textos e das imagens, visto que sua vida é breve em comparação com a História. Por isso,

No registro, entram, pois, em relação à multiplicação e duração do signo dado. O que estava destinado a durar pode alcançar também duração, como também tudo que enfrenta a seus registros anteriores, como cadernos escolares ou poemas juvenis ou ideias pintadas. A comunicação tem tendência à transmissão temporal. (PROSS, 1990, p. 164, tradução nossa).



Entretanto, há o destaque para que a imagem fotográfica possa ser considerada como instrumento de memória e documento pelas instituições e indivíduos da sociedade, com a intenção de perdurar suas experiências coletivas e individuais. Pensamento convergente também é encontrado em Kossoy (1989, p.159) ao afirmar que

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem ó escolhida e refletida ó de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois documento que retém a imagem fugidía de um instante da vida que flui ininterruptamente. Ela dá a noção precisa do microespaço e tempo representado, estimulando a mente à lembrança, a reconstituição, a imaginação. É, para o historiador, uma possibilidade incontestada de descoberta e interpretação da vida histórica.

Kossoy (1989) fornece com este pensamento argumentos para que seja levada em consideração a possibilidade de documentação a partir da fotografia e de seu uso como tal relacionado aos estudos em Comunicação sob os aspectos das Ciências Sociais. Uma vez que

A fotografia (...), embora admitindo a subjetividade da câmera, repousa na nossa convicção de que aquilo que nós, os espectadores, vemos existiu de fato, que aquilo ocorreu em determinado e exato momento e que, como realidade, foi apreendido pelo olho do observador.(MANGUEL, 2001, p. 93)

CONCLUSÕES

Como observado pelos levantamentos apontados, nem sempre a imagem fotográfica foi utilizada como documento iconográfico para o registro. Houve uma transição de uma lógica de pensamento no ato de registrar: das imagens para a escrita. Essa mudança acarretou uma nova forma humana de se relacionar com as imagens como memória. Somente com o advento da imagem técnica, a imagem retorna a ser prova possível para documentação.

Com este trabalho, houve o relato da organização de parte do acervo iconográfico do PTP como uma tentativa de resgatar uma memória fadada a um



possível esquecimento. Além disso, com a inclusão do Projeto COMTRILHAS, houve novos registros em quantidade e qualidade das imagens. Todo o processo experimental foi embasado por um corpo teórico com objetivo de levar uma reflexão sobre a documentação por meio das imagens e a relação humana com esse tipo de memória.

No caso PTP, houve a possibilidade de abandono dessa memória iconográfica e de todos os valores que ela poderia abordar. Se, nestes pouco mais de cem anos após a invenção da fotografia, como primeira imagem técnica, é um período de transição entre um homem apoiado na linguagem linear e o que venha a se relacionar com a linguagem das superfícies em imagens, a valorização de acervos como o discutido revela-se uma causa emergente.

Identificou-se ainda uma outra forma de acervo iconográfico para preservação de uma memória: o meio digital. Para o Programa Trilhas Potiguares, esse método ainda encontra-se em seus primeiros passos, dadas as dificuldades encontradas como no acervo analógico.

Outro passo apontado por esta pesquisa é a divulgação do conteúdo dos acervos para que a memória não siga padrões de rituais burocráticos para seu acesso. A proposição apontada vem como sugestão o meio digital da Internet para um nível global de divulgação do documento. Em caso de não haver recursos suficientes para criação e manutenção de um portal *on-line*, há ainda a possibilidade de exposições acadêmicas.

A busca deste estudo foi na direção de expor o conceito de que fotografia é também registro, documento e memória, não apenas os gêneros baseados nos textos escritos. No caso do PTP, a iconografia pode ser utilizada como prova para prestação de contas com a sociedade, visto que é um dos segmentos que mantém as atividades de extensão universitária realizadas nos municípios.

REFERÊNCIAS

AZEVÊDO, Maria do Socorro de; BIGOIS, Raquel; CARVALHO, Renata Passos Filgueira de; BORBA, Maria do Socorro de Azevêdo. A Organização do Acervo Fotográfico das Trilhas Potiguares: Projeto de Extensão da UFRN - Período de 1995 - 2003. **Revista Extensão e Sociedade**, Natal, Ano 01, v. 1, n. 2. PROEX-UFRN, 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ó IPHAN, **Acervo Iconográfico**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br>>. Acesso: 12 maio 2011.



FLUSSER, Vilém. **Nascimento de imagem nova**. Berlim, [19__?]. Manuscrito não publicado, Arquivo Vilém Flusser.

_____, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & historia**. São Paulo: Ateliê, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.

MANGUEL, Alberto. **Lendo imagens**: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PROSS, Harry. **La clasificación de los medios**. In: PROSS, Harry; BETH, Hanno. *Introducción a la ciencia de la comunicación*. Barcelona: Anthropos, 1990, p. 158-178.

OLIVEIRA, Mario Mendonça de. **A documentação como ferramenta de preservação da memória**. Brasília: IPHAN, 2008.

SANTAELLA, Lúcia. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

SANTOS, Boaventura Santos. **A Universidade do século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. São Paulo: Cortez, 2004a.

_____, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as Ciências**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004b.

SANTOS, Geraldo Mattos Gomes dos. **Dicionário júnior da Língua Portuguesa**. 2 ed. São Paulo: FTD, 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE. **Projeto COMTRILHAS**: Comunicação Social no Programa Trilhas Potiguares, 2009.

_____. Pró-Reitoria de Extensão. Programa Trilhas Potiguares. **Apresentação**, maio de 2005. Disponível em <<http://www.trilhas.ufrn.br>>. Acesso: 20 fev. 2011.